

RESENHA

O AMBIENTALISTA CÉTICO

LOMBORG, Bjorn. *O Ambientalista Cético*. 2^a ed. Trad. Ivo Korytowski e Ana Beatriz Rodrigues. Rio de Janeiro, Elsevier, 2002, 541 p.

Bjorn Lomborg é catedrático adjunto de estatística na cadeira de Ciências Políticas da Universidade de Aarhus, na Dinamarca. É também articulista internacional, contribuindo para diversas revistas especializadas nas áreas de Teoria dos Jogos e Simulações de Computador.

A obra sob comento é produto atual de pesquisa do autor na área ambiental. Trata-se de uma crítica a diversas convicções referentes ao estado do meio ambiente mundial e suas tendências a médio e longo prazo. Variados temas são abordados sob uma nova ótica que procura afastar o alarmismo e o catastrofismo normalmente associado às teses ambientalistas. A base de toda a argumentação de Lomborg para confrontar as indicações e previsões em voga no campo ecológico, apontando para um esgotamento das reservas e um colapso dos ecossistemas que garantem a sustentação da vida no planeta, é a análise estatística com fundamento em dados confiáveis e submetidos a um estudo pormenorizado que não se atenha somente aos números absolutos, mas leve em consideração fatores históricos, técnicos, sociológicos, econômicos etc.

Embora admitindo que as estatísticas podem ser enganosas, afirma que é através delas que se pode fazer uma descrição “cientificamente válida do mundo”, possibilitando conclusões baseadas em dados concretos e não em meras previsões intuitivas. Os dados estatísticos são analisados por Lomborg de forma crítica, de modo a evitar sua aceitação sem uma profunda reflexão contextual, nos moldes acima descritos.

A obra é dividida em seis partes, nas quais são tratados assuntos referentes às mais atuais e polêmicas questões ecológicas.

A Parte I, intitulada de “A Ladainha”, procura demonstrar que muitas das idéias hoje aceitas praticamente como indiscutíveis acerca das questões ambientais são fruto de ilusões, prognósticos equivocados, previsões frustradas e dados que não apresentam consistência científica e até contrariam as estatísticas oficiais. Tais “mitos”, que não têm sustentação científica, seriam contraproducentes para o bem – estar humano e a própria conservação ambiental. A orientação das decisões a serem tomadas nesse campo estaria viciada, levando a ações e omissões que são improdutivas ou até prejudiciais, inobstante suas “boas intenções”.

A Parte II trata do “Bem – estar do ser humano”, indo em direção contrária às alegações de que a qualidade de vida do homem vem decaindo com o desenvolvimento tecnológico a partir da era industrial. O autor apresenta dados estatísticos que apontam uma melhoria sensível da qualidade de vida humana ao longo dos séculos, propiciada justamente pelos desenvolvimentos tecnológicos que ensejaram mais saúde, segurança, conforto, alimentação farta e variada, dentre outros benefícios. A sociedade contemporânea, segundo o autor, não produziu queda da qualidade de vida humana, mas bem ao contrário, propicia o vivenciar de uma prosperidade sem precedentes.

Na Parte III procede a uma continuação do item anterior, agora avaliando as reais possibilidades de que essa prosperidade continue e até mesmo se acentue com o passar do tempo. Sua conclusão, que abarca diversas áreas do interesse humano (produção de

alimentos, florestas, fontes de energia, recursos naturais e água), é a de que o progresso econômico e tecnológico pode propiciar um melhor aproveitamento dos recursos disponíveis, bem como o desenvolvimento de novas tecnologias mais limpas e baratas. Além disso, com base em informes estatísticos acerca das reservas do planeta, conclui que não há um efetivo perigo de esgotamento iminente.

Na Parte IV aborda a questão da Poluição. Afirma que nos países desenvolvidos a poluição, em suas diversas vertentes, vem decaindo ao longo dos anos, isso em face do desenvolvimento tecnológico que possibilita a utilização de técnicas menos poluentes. Quanto aos países em desenvolvimento confirma o fato do aumento dos índices de poluição, mas conclui que isso não seria um dado preocupante, pois que a tendência seria um decréscimo à medida em que tais países forem adquirindo uma melhor condição financeira e tecnológica, nos moldes do que se operou com os atuais países ricos. Na visão de Lomborg, muito mais do que as atividades industriais, seria a pobreza a grande causadora do aumento dos índices de poluição, ao passo que o desenvolvimento econômico, aliado ao tecnológico pode ensejar uma melhora efetiva nos processos produtivos sob o aspecto ambiental. Quanto ao problema da chuva ácida, apresenta informes que demonstrariam uma supervalorização do fenômeno, inclusive no que tange aos danos a formações vegetais. Seguindo na tendência de apontar exageros em certos pontos ligados à questão ambiental e subestimação de questões realmente relevantes, apresenta a “poluição atmosférica em recintos fechados” como um efetivo problema a ser combatido. Afirma que “a poluição em recintos fechados na verdade constitui uma ameaça muito maior à saúde”, de forma que inclusive dados da OMS confirmariam que essa espécie de poluição seria responsável por 14 vezes mais mortes do que a poluição ao ar livre, sendo um dos grandes problemas aquele referente aos chamados “fumantes passivos”. No que se refere ao suposto crescimento das alergias e asma, ocasionado pela vida moderna, afirma que os dados estatísticos indicam que as causas estariam muito mais ligadas aos ambientes internos das residências e locais de trabalho, do que à poluição atmosférica. Inclusive nota-se que os países industrializados costumam apresentar índices mais baixos desses problemas. A questão da poluição das águas (doces e salgadas) também seria outro caso de superestimação, que não levaria em conta inclusive a capacidade de recuperação dos oceanos e rios. O efeito dos fertilizantes sobre a saúde humana também é apontado como um mito, de modo que sua atuação prejudicial seria amplamente superada pelos benefícios produtivos que enseja. Ademais, a maior parte dos casos de danos à saúde atribuídos aos fertilizantes não passaria de conclusões equivocadas e não lastreadas em bases científicas. Hábitos considerados absolutamente inócuos, como tomar um cafezinho ou um copo de vinho seriam estatisticamente mais arriscados quanto à probabilidade do desenvolvimento de um câncer, por exemplo, do que o consumo de alimentos produzidos com o uso de fertilizantes.

Na Parte V segue tratando de outras questões ambientais da atualidade e problemas de longo prazo. Aborda a questão das substâncias químicas e dos pesticidas em sua ligação com o suposto crescimento dos casos de câncer a nível mundial. Afirma, com base em dados estatísticos analisados crítica e contextualmente, que não há efetivo crescimento, a não ser em alguns casos em números absolutos, da incidência de câncer na população mundial. Ademais, a relação entre produtos químicos e pesticidas e o câncer seria outro mito que não se sustenta em dados científicos concretos. Em alguns casos de aumento da incidência do câncer, na realidade a pesquisa científica criteriosa apontaria como causas outros fatores como o fumo, o aumento do número de mulheres que não procriam ao longo

de suas vidas ou que chegam a procriar numa idade mais avançada devido à nova conformação social na qual as mulheres se dedicam não somente a uma família, mas também a carreira profissional, dentre outros fatores diversos dos agentes químicos e pesticidas que, percentualmente, seriam muito mais cancerígenos. Também procura desmentir o prognóstico de extinção de espécies em uma escala devastadora, demonstrando que tal processo seria bem mais lento do que afirmam a maioria dos ambientalistas. Ademais, aduz que a extinção faria parte de um processo natural, o qual já acontecia inclusive antes do aparecimento do homem sobre a face da Terra. Finalmente, aborda a questão do “buraco de ozônio” e do aquecimento global. Mais uma vez apresenta dados estatísticos, alegando alarmismo por parte dos ambientalistas. Procura sopesar a viabilidade econômica de medidas que alterem os atuais modelos produtivos, afirmando que uma alteração brusca nesse campo seria impraticável e ocasionaria mais danos do que benefícios. Avalia ainda que o processo de aquecimento global não seria tão danoso e a tão curto prazo conforme vem sendo apregoado, de maneira que o aumento ligeiro de temperatura poderia ocasionar até mesmo certos ganhos em alguns aspectos, como aumento da produção de alimentos em certas áreas, melhorias na saúde com referência a moléstias ocasionadas pelo frio etc.

A Parte VI finaliza a obra, operando um apanhado conclusivo dos temas enfocados e reforçando a teoria do autor quanto ao alarmismo baseado em mitos que configuraria uma verdadeira “ladainha ambientalista”. Lomborg apregoa a necessidade da tomada de decisões com base em informações sólidas, cientificamente comprováveis, de forma a propiciar uma escolha racional de opções que produzam o máximo de bem – estar e efeitos ambientais otimizados. Destaca o fato de que jamais decisões tomadas com fulcro em mitos, mentiras, medos infundados, poderão ser produtivas, muitas vezes operando efeitos inversos aos pretendidos. Em diversos casos, face à limitação dos recursos disponíveis, seria preciso proceder a priorizações e estas devem ser levadas a efeito com assento em dados confiáveis e concretos. A frieza que muitas vezes aparenta a escolha dessas prioridades em detrimento de outras é indispensável. A única diferença, segundo Lomborg, é que, sem bases sólidas, falsas prioridades podem ser colocadas no lugar das verdadeiras, com graves prejuízos para a humanidade e o próprio planeta. Duas assertivas do autor nessa parte final do seu trabalho parecem sumariar seu ponto de vista: “O ponto central persiste: se quisermos tomar as melhores decisões para o nosso futuro, não devemos basear as nossas priorizações no medo, mas em fatos. Assim, precisamos confrontar os nossos medos; precisamos desafiar a ladainha”¹. E mais adiante: “No todo, acho importante enfatizar que um otimismo excessivo pode ter seus custos, mas um pessimismo exagerado também sai caro”.²

O trabalho de Lomborg surge como um importante contraponto para as teses ambientalistas, promovendo uma crítica calcada na necessidade de que todas afirmações sejam cientificamente comprováveis e falseáveis. Trata-se de uma obra que foge dos moldes corriqueiros no trato da matéria ambiental, propiciando o debate e a revisão do pensamento e não somente a repetição de idéias assentadas e acomodadas.

Por outro lado a argumentação de Lomborg também não é intocável. Uma característica bastante presente em seu trabalho é a ênfase sempre dada aos critérios econômico – financeiros em detrimento das questões humanas e referentes à vida em geral

¹ LOMBORG, Bjorn. *O Ambientalista Cético*. 2ª ed. Trad. Ivo Korytowski e Ana Beatriz Rodrigues. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002, p. 394.

² Ibid., p. 421.

(demais seres vivos). O autor não leva em consideração, talvez por sua origem de um país de primeiro mundo, o problema da desigualdade na distribuição dos “benefícios” do crescimento econômico e tecnológico. Parece em seu texto que as descobertas científicas no campo da medicina, da tecnologia; o enriquecimento global, seriam algo que simplesmente passaria para toda a população humana de forma senão igualitária, algo equânime. Nós brasileiros sabemos muito bem que nada disso corresponde à realidade e que o chamado “desenvolvimento ou crescimento econômico” não é sinônimo de prosperidade para todos, senão para uma limitadíssima parcela privilegiada. Nesse passo, pode-se dizer que o título da obra poderia bem ser alterado de “O Ambientalista Cético” para “O Capitalista Cínico”.

De qualquer forma a obra propicia um confronto entre certo otimismo quanto à atual situação mundial sob o enfoque ambiental e o pessimismo catastrofista que impregna muitos setores ambientalistas. Em meio a esses pólos opostos oportuna é a lembrança de Sagan quanto às histórias de Creso, rei da Lídia e Cassandra, Princesa de Tróia:

Cassandra era filha do rei Príamo e o deus Apolo apaixonou-se por ela. No entanto, ela não lhe correspondeu. Apolo então tentou suborná-la. Como não lhe poderia ofertar bens materiais, já que era filha de um rei muito rico, concedeu-lhe o dom da profecia. Ela aceitou, mas quando deveria cumprir sua parte do trato, entregando-se a ele, negou-se terminantemente. Isso ocasionou a fúria de Apolo, o qual não lhe retirou o dom concedido, mas agiu de forma bem mais astuciosa. Decretou que ninguém iria acreditar em nenhuma profecia de Cassandra. Realmente ela prediz diversos eventos danosos a seu povo e é sempre desacreditada, de modo que vive o constante desespero de saber sobre as catástrofes e nada poder fazer para impedir. Seu contemporâneos pereciam, sofriam graves danos porque simplesmente ignoravam suas corretas predições.³

A história de Creso é semelhante, mas inversa. Esse rei teria mandado emissários consultarem o oráculo de Delfos sobre a conveniência de invadir e subjugar a Pérsia. Os emissários indagaram à Pítia: “O que acontecerá, se Creso declarar guerra à Pérsia? E a Pítia respondeu: “Ele vai destruir um poderoso império”. Comunicado dessa resposta do oráculo, Creso acreditou que estava predestinado a dominar a Pérsia e foi ao ataque. O resultado foi uma terrível derrota, de modo que perdeu seu império e terminou seus dias como um medíocre funcionário da corte persa.⁴

As histórias servem para ilustrar que tanto o fato de desacreditar previsões pessimistas, como acreditar cegamente, de forma acrítica em predições otimistas pode ser muito perigoso. Se os ambientalistas podem estar exagerando em seus prognósticos, teóricos como Lomborg também podem estar equivocados. As melhores opções virão da dialética e das escolhas informadas e racionais, como bem propõe Sagan:

“Há meios para que os traçadores de políticas tomem as suas decisões, para que encontrem um meio termo seguro entre a ação precipitada e a impassibilidade. É necessário alguma disciplina emocional, no entanto, e acima de tudo cidadãos cientificamente alfabetizados – capazes de julgar por si mesmos quão terríveis são os perigos”.⁵

³ SAGAN, Carl, *Bilhões e Bilhões*. 7ª ed. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 90 – 91.

⁴ Ibid., p. 88 – 89.

⁵ Ibid., p. 93.